



Eixo: 3. Trabalho, Mobilidade e Relação Campo-Cidade

**AS INTERFACES DA CADEIA PRODUTIVA DO SISAL: UMA ANALISE DA
ETAPA URBANA**

Jutair da Silva Oliveira

Graduando no curso de licenciatura em geografia pela Universidade do Estado da Bahia, Campus XI – Serrinha-Ba, Bolsista de Iniciação a Docência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)/ UNEB

jutair13.40@hotmail.com

Maise de Oliveira Carneiro

Graduanda no curso de licenciatura em geografia pela Universidade do Estado da Bahia, Campus XI – Serrinha-Ba. Bolsista de Iniciação a Docência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)/ UNEB

mayse.0309@outlook.com

Malena Barroso dos Santos Ribeiro

Graduanda no curso de licenciatura em geografia pela Universidade do Estado da Bahia, Campus XI – Serrinha-Ba.

malena.barroso@hotmail.com

Resumo

A escrita desta produção tem a intenção de compreender como se dá o processo da cadeia produtiva da *agave sisalana* (sisal) nas etapas urbana. Como metodologia adotada para chegarmos a tal compreensão partimos de uma análise teórica, a partir de autores como Lima (2013), Coelho Neto (2011) Santos (2010) e Santos (2011), dentre outras fontes secundárias como A Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia-SEI (2015). O presente trabalho trará informações que contemplam uma caracterização do Território de Identidade do Sisal, a atividade sisaleira no campo, e, sobretudo na etapa urbana, “os donos das fabricas” e as condições de trabalho destes sujeitos que estão inseridos nessa atividade. A partir da análise desses autores, bem como a escrita desta produção, pode-se concluir que o sisal tem uma grande importância econômica para algumas cidades que compõem o Território de Identidade do Sisal, situado no semiárido baiano. Dessa forma, foi possível compreender que a cadeia produtiva do sisal na etapa urbana se dá muitas vezes, nas respectivas cidades desse território, e que, as fábricas para o beneficiamento é, em sua maioria, de elites políticas e agrárias destas cidades, devendo-se levar em conta ainda a exploração, e a não valorização, da mão de obra empregada pelos trabalhadores (as) dessas etapas da produção.

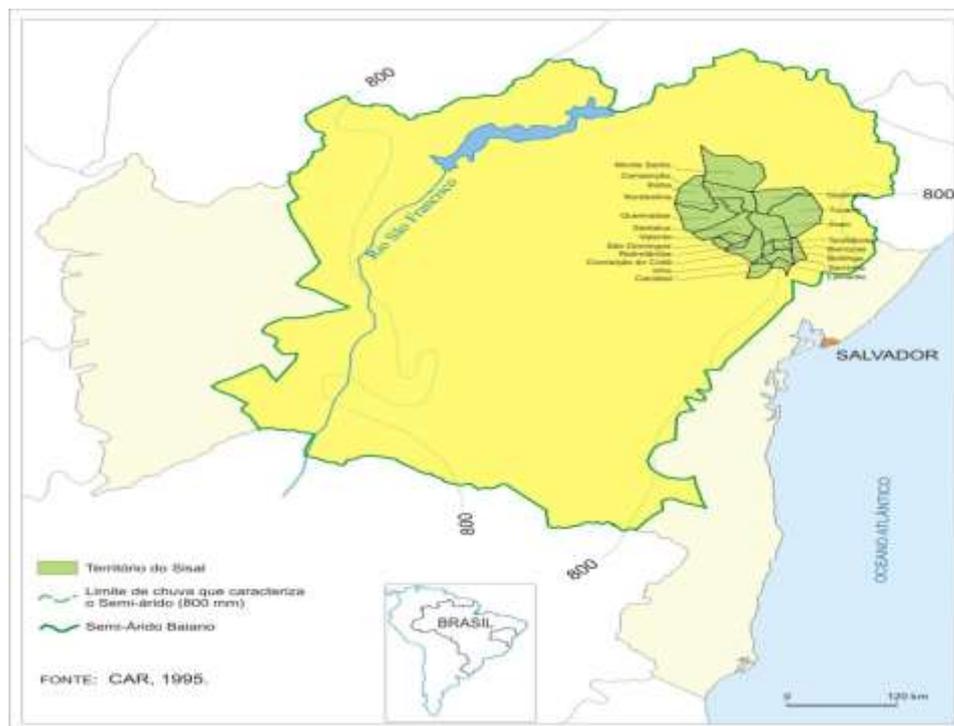
Palavras chave: Cadeia produtiva; Etapa urbana; Sisal

Uma introdução acerca do Território de Identidade do Sisal

O Território de Identidade do Sisal faz parte de uma divisão política-administrativa adotado pelo governo do estado da Bahia, na tentativa de dividir territorialmente o estado, a partir das características específicas de cada um destes.

Segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) existe atualmente 27 territórios de identidades no estado da Bahia, entre estes, encontra-se o TEI Do Sisal, constituído por 20(vinte) municípios: Araci, Barrocas, Biritinga, Candéal, Cansanção, Conceição do Coité, Ichu, Itiúba, Lamarão, Monte Santo, Nordestina, Queimadas, Quijingue, Retirolândia, Santaluz, São Domingos, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente, localizado no semiárido baiano, e caracterizado segundo Coelho Neto (2011) pela cadeia produtiva da *agave sisalana*, espécie de vegetal xerófila, conhecida popularmente apenas como Sisal. Nesse sentido, podemos observar na figura 1 onde está inserido o Território do Sisal.

Figura 01 Território do Sisal no contexto do semiárido baiano. 2014.



Fonte: Santos, Edinusia. 2014, p.3

Vale salientar a importância dessa planta na relação econômica do território, contudo, antes faremos um breve contexto histórico da inserção da cultura do sisal neste território. Segundo, Andrade (2006):

O sisal chegou ao Brasil por volta de 1903, pelas mãos do agrônomo Horácio Urpia Júnior, que trouxe os primeiros bulbilhos da Flórida. Em 1911, foram enviadas da Bahia para a Paraíba, as primeiras mudas de sisal, por intermédio do agrônomo J. Viana Júnior, porém, somente em 1937/38 (na Paraíba) e 1939/40 (na Bahia) houve expansão da cultura em base econômica. (ANDRADE, 2006 apud LIMA, 2013, p. 15)

Contudo, vale ressaltar que o significado da palavra sisal está associado tanto à planta quanto a fibra que a mesma possui, de acordo como Lima (2013). Os condicionantes naturais dessa região do território brasileiro, de clima predominantemente semiárido, foram preponderantes para adaptação desta planta nessa região.

Desse modo, a planta recebe grande pujança no que diz respeito a produção e comércio, uma vez que para muitas famílias de agricultores, seja de base familiar ou ligado ao latifúndio, a produção do agave foi e é, sem dúvidas, uma forma de subsistência e fonte de renda, sobretudo, quando retratamos uma região de fatores climáticos específicos, poucas chuvas, muito sol, e em inúmeras vezes grandes períodos de estiagem que inviabilizam a produção agrícola de alguns alimentos, como é o caso do feijão, milho, mandioca, dentre outros. Ou seja, por conta do sisal ter características específicas de se desenvolver nesse condicionante, fez com que durante décadas fosse chamado por alguns, como o “ouro verde do sertão”, e permanecendo em grande destaque na economia de algumas cidades desse território. Nesse sentido, podemos comungar da afirmação de Lima (2013) ao reafirmar a importância de tal atividade:

O cultivo do sisal (Agave Sisalana) na região Nordeste da Bahia é considerado de extrema importância para a agricultura e para a economia da região. O sisal é uma das poucas culturas que se adaptou ao clima semiárido do Sertão Nordestino, oferecendo uma renda a mais para os agricultores. (LIMA, 2013, p.40)

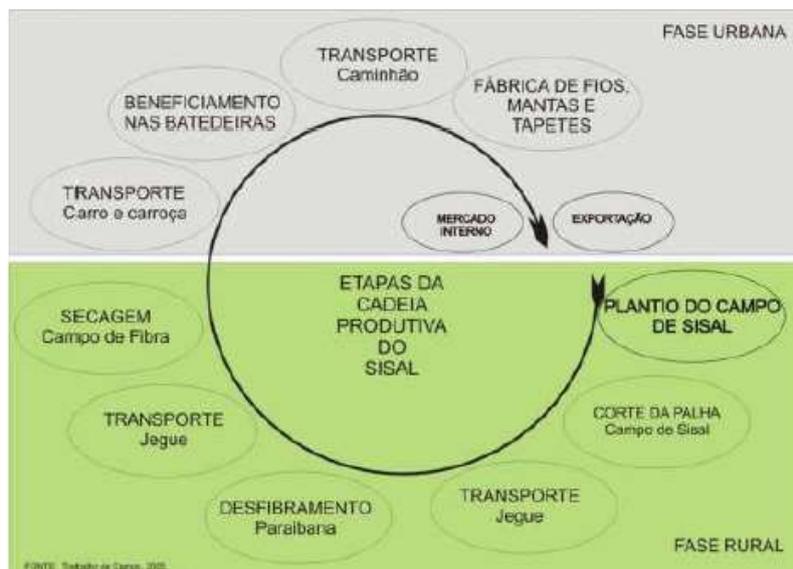
Para além dos fatores naturais da planta e da região, o sisal “provê uma fibra com a qual é possível a fabricação de fios, cordas, tapetes, carpetes, entre outros.” (Lima, 2013, p. 41). Nesse sentido, vamos tentar compreender de que forma acontece o beneficiamento do sisal, dando enfoque a etapa urbana da cadeia produtiva.

Cadeia produtiva do sisal

A cadeia produtiva do sisal, por se tratar de uma planta, cuja origem está no espaço rural, possui um grande processo até chegar a fase urbana:

O processo produtivo do sisal tem características peculiares pois envolve uma fase rural e uma fase urbana. Esse processo de beneficiamento, de acordo com a figura 02, resulta num ciclo produtivo que se realiza tanto no espaço urbano quanto rural, criando uma rede imediata, com fluxos bem demarcados e específicos (SANTOS, 2010)

FIGURA 02: ESQUEMATIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DO SISAL



FONTE: Reproduzido a partir de SANTOS (2010).

Por envolver um amplo processo até chegar a fase urbana, a produção do sisal emana de um grande número de trabalhadores, sobretudo, no espaço rural onde é realizada a colheita e as primeiras fases dos beneficiamentos. “Em sua cadeia produtiva, diversos empregos são gerados absorvendo uma grande mão-de-obra, assim o setor sisaleiro da Bahia aspira milhares de trabalhadores, em todas as fases de implantação, manutenção, colheita e desfibramento.” (LIMA, 2013, p.53)

Figura 03: Cortador



Fonte: LIMA, Camila, 2013.

Figura 04: Botador



Fonte: LIMA, Camila, 2013.

De acordo com a figura 03 e 04, podemos perceber o início do processo de beneficiamento do sisal ainda no campo. Na figura 03, tem-se o cultivo(o corte da folha), na figura 04 podemos perceber a fase de desfibramento da folha no equipamento que se chama de motor de sisal. Vale ressaltar que nessas etapas do beneficiamento não se tem uma distinção de gêneros, homens e mulheres fazem parte dessa divisão do trabalho. Até que se chegue à etapa urbana ainda se desenvolve algumas etapas, como por exemplo, a lavagem e secagem das fibras.

Etapa urbana

No espaço urbano, que é o nosso foco específico acontece as últimas etapas dessa cadeia produtiva, ou seja, onde as fibras do sisal beneficiadas, industrializadas, estarão prontas para a comercialização, esta se dá tanto para o comércio nacional, quanto para a exportação, como podemos observar na figura 02. A etapa urbana inicia-se da seguinte forma:

Depois de cumpridas todas as etapas da produção do sisal na fase rural, o mesmo é transportado para a bateadeira que pode estar localizada na zona rural ou urbana para ser beneficiado. Esse transporte geralmente é feito através de caminhonetes e caminhões, que são guiados geralmente pelo proprietário da bateadeira. (LIMA, 2013, p.57)

Nessas bateadeiras ocorre todo processo de beneficiamento, que vai desde a separação e classificação dos fios, até o processo de empacotar e destinar para as fábricas, em diversas regiões do país ou para o exterior, mas, sobretudo fábricas no próprio Território do Sisal, assim como afirma Lima (2013), que os produtos oriundos do sisal,

geralmente, são cordas, fios, mantas, tapetes, entre outros (vide figura 07). Sendo os Estados Unidos e a Índia alguns dos maiores compradores desses produtos. Contudo, vale ressaltar que muita dessas fábricas e/ou bateadeiras estão majoritariamente situadas em municípios que compõem o Território de Identidade do Sisal.

Existem aproximadamente 60 unidades de beneficiamento (“bateadeiras”) nos Territórios do Sisal e Bacia do Jacuípe, ambos situados na região sisaleira da Bahia. Na indústria, a fibra de sisal é transformada em variedades de fios, cordas, tapetes, capachos, mantas de sisal, etc. Atualmente existem 14 indústrias de sisal localizadas na Bahia, sendo 12 dessas no Território do Sisal, constituindo um aspecto positivo, vez que proporciona a interiorização das indústrias. (ANDRADE; ORNELAS; BRANDÃO ?. p,15)

Assim como no campo, as etapas urbanas, seja na fábrica ou na bateadeira, demanda de uma distribuição de funções, sendo que cada um desenvolve uma dessas etapas, tem-se, segundo Lima (2013), a “Classificadora, essa efetua a classificação das fibras, buscando o controle de qualidade, passando-as para os prenceiros”. Em sua maioria, as classificadoras de fibras são mulheres. Após o processo de classificação dos fios, o batedor introduz as fibras na máquina para ser batida. Em seguida, as fibras serão embaladas em forma de fardos, pelo prenceiro (ver figuras 05, 06 e 07).

Figura 05: Classificadora



Fonte: LIMA, Camila, 2013.

Figura 06: Batedor



Fonte: LIMA, Camila, 2013.

Figura 07: Prenceiro



Fonte: LIMA, Camila, 2013.

No que diz respeito a cadeia produtiva, vale salientar que embora diversos municípios do território já supracitado produzam a *agave sisalana*, tais como Valente, Conceição do Coité, São Domingos, Santa Luz, Retirolândia, Quijingue, dentre outros, a etapa urbana de beneficiamento não se dá em todos estes municípios, grande parte das fábricas estão localizadas, majoritariamente, em Conceição do Coité, Valente e Retirolândia. Ainda segundo Coelho Neto 2013, cidades como, Teofilândia e Santa Luz (ambas no território do sisal) possuem fábricas de beneficiamentos das fibras do sisal, só que em menores proporções. Nesse contexto, vale chamar atenção também para a Associação de Desenvolvimento Sustentável da Região Sisaleira (Fundação APAEB), que tem um destaque importante nesse processo, com sede principal na cidade de Valente, a APAEB está presente na cadeia produtiva do sisal, tanto na etapa rural, no que diz respeito à tentativa de fomentar, e auxiliar esses agricultores a produzirem mais e melhor; quanto na etapa urbana, com o processo de beneficiamento em sua fábrica própria, trabalhando sobretudo com a fabricação de tapetes, carpetes, cordas dentre outros produtos oriundos da fibra do sisal.

Diante das questões já supracitadas, vale citar aqui alguns dos principais produtos beneficiados nas fábricas, ou seja, na etapa urbana desta cadeia, e suas respectivas comercializações, são eles:

Fios e cordas: no que tange à produção de fios, destaca-se, em termos de produção, o fio agrícola (*balertwine*), responsável por 60% do destino da fibra de sisal produzida na Bahia. Comercializado no mercado interno, nos estados do Paraná e Rio Grande do Sul, São

Paulo, Goiás, Pernambuco. No mercado externo, é comercializada para a Ásia, Europa e, principalmente, para a América Central. Tapetes e Capachos: ambos são encontrados em diversas tramas e acabamentos especiais. O principal mercado é o internacional, atendendo alguns países da Europa, como França, Espanha e Alemanha. No entanto, o mercado interno vem apresentando crescimento significativo, principalmente nas grandes capitais do Brasil. (ANDRADE; ORNELAS; BRANDÃO ? p.16)

Portanto, pode-se perceber nas considerações dos autores acima que muitos dos produtos, sobretudo os tidos como especiais oriundos do agave *sisalana* tem uma grande aceitação no mercado internacional, alguns destes produtos podem ser visualizados na (figura 08). Não podemos esquecer também que existe um tipo de atividade tradicional, de beneficiamento das fibras do sisal com característica de menor escala, e que sem dúvida se faz de fonte de renda para muitas famílias que produzem de forma artesanal alguns produtos da referida fibra, dentre essas atividades temos; o “Artesanato: são produzidas bolsas, tapetes manuais de macramê e tricô, descansadores para panelas, porta joias, porta material didático, etc” (ANDRADE; ORNELAS; BRANDÃO)

FIGURA 08: Produtos fabricados com sisal



Fonte: Coelho Neto, pesquisa de campo, 2011

Os donos das fabricas:

Ainda neste contexto de cadeia produtiva do sisal, alguns fatores devem ser levados em consideração, a exemplo da relação de trabalho, remuneração salarial, bem como, quem de fato são os donos das grandes plantações de sisal, ou seja, o empresário ligado ao plantio, mas também ligado ao beneficiamento. Nesse sentido, vale ressaltar o que Coelho Neto (2011) vem chamar atenção com as relações de coronelismos

existentes no território e, acima de tudo, qual a relação entre os grandes latifúndios, os empresários da indústria e as elites políticas das cidades onde mais se produz e industrializa a *agave sisalana*.

No quadro abaixo (quadro 1), podemos observar na prática como de fato essas relações se estabelecem, pode ser observado que nas cidades onde mais se concentram as indústrias de beneficiamento de sisal (conceição do coité e Retirolândia) há uma relação imbricada entre famílias que estão diretamente ligadas ao poder político local, e a relação com as fábricas de beneficiamento.

Quadro1: Firms industriais e comerciais que opera(ram) com sisal no núcleo sisaleiro da Bahia

RAZÃO SOCIAL	SEDE DA EMPRESA	EXECUTIVO RESPONSÁVEL
Teócrita Calixto Comércio e Indústria Sisal Ltda.	Salvador	Teócrita Calixto ⁽¹⁾
Hamilton Rios Indústria e Comércio e Exportação Ltda.	Conceição do Coité	Hamilton Rios de Araújo
Fibra Comércio e Exportação de Sisal Ltda.	Conceição do Coité	José Ricardo Araújo Ferreira
Fibraex Indústria Comércio e Exportação Ltda.	Conceição do Coité	José Hamilton Passos de Araújo ⁽²⁾
Sisaex Indústria Comércio e Exportação Ltda.	Conceição do Coité	Maurício Mota D'Araújo ⁽³⁾
Sisalândia Fios Naturais Ltda.	Retirolândia	Adevaldo Martins dos Santos ⁽⁴⁾

Fonte: Pinto (1969), Fapesb (2002) Santos, C.; Coelho Neto; Silva, O. (2011).

Nota: (1) Esta firma não consta mais nos dados do Guia Industrial da FIEB; retiramos a informação da listagem apresentada no estudo de Pinto (1969) sobre as empresas mais importantes na década de 1960. (2) José Hamilton Passos de Araújo é filho de Hamilton Rios de Araújo; (3) Maurício Mota D'Araújo é irmão do ex-prefeito Éwerton Rios d'Áraújo Filho, que por sua vez é sobrinho de Hamilton Rios de Araújo; (4) Adevaldo Martins dos Santos foi prefeito de Retirolândia três vezes. (COELHO NETO, 2013, p.186)

Algumas firmas que industrializam e comercializam sisal, localizadas nesse município, completamos a evidência do fenômeno que estamos enfatizando. Trata-se da formação de uma intrincada rede familiar de dominação que articula, por um lado, a propriedade da terra e o beneficiamento, industrialização e comercialização de sisal, e por outro, controla o poder político municipal. (COELHO NETO, 2011, p.183)

Dessa forma, realça apenas uma realidade existente em quase todo o nordeste brasileiro, uma relação de poder dessas elites políticas, não somente na administração pública, mas também no setor empresarial. Bem verdade que existe nesse território

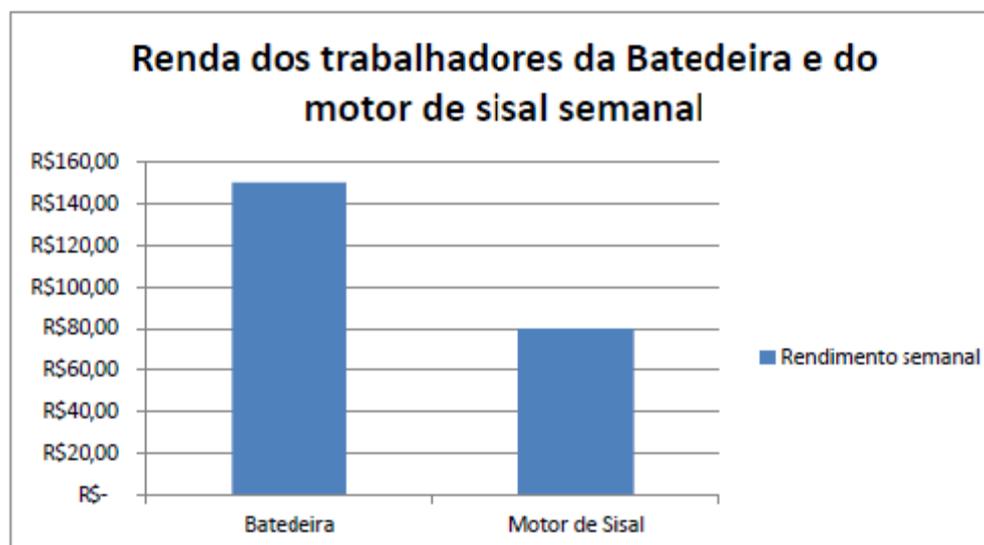
pequenos agricultores, que em meio a inúmeras dificuldades conseguem (em pequenas quantidades) desenvolver o cultivo da planta, entretanto, ficam a mercê da soberania dessas elites quando se trata do beneficiamento, sobretudo na etapa urbana e, se levado em conta o fator da valorização do produto entre o pequeno produtor e os latifúndios, existe uma disparidade enorme.

Falando em disparidade, vale frisar o fator já supracitado da valorização da mão de obra e da remuneração. No caso dos trabalhadores ligados a cadeia produtiva do sisal, a remuneração e as condições de trabalho, sobretudo, na etapa rural são precária, entretanto, essa é também uma realidade encontrada na etapa urbana. De acordo com Lima (2013) os trabalhadores (as) das batedeiras são remunerados de forma diferente, estes ganham um valor superior aqueles que estão no campo.

Há disparidade quanto à renda dos trabalhadores do sisal, sendo que os agricultores que trabalham no motor recebem em média oitenta reais semanais e os que trabalham na batedeira ganham, em média, cento e cinquenta reais no mesmo período de tempo. (LIMA, 2013)

Mesmo com essa diferença entre os dois setores, é notável que ambos são mal remunerados pelas atividades que exercem. Essa realidade pode ser observada a partir do (gráfico 01).

Gráfico 01– Renda dos trabalhadores da batedeira e do motor de sisal.



FONTE: PESQUISA DE CAMPO. ELABORAÇÃO: CAMILA SILVA LIMA, ABRIL DE 2013.

Embora exista essa disparidade em relação à valorização do trabalho, nas duas etapas fica perceptível que existe uma exploração da mão de obra, muitos desses

trabalhos ocorrem de maneira informal, sem os direitos trabalhistas assegurados, e mesmo essa remuneração dos trabalhadores ligados as bateadeiras sendo superior a daqueles que estão no campo, suas respectivas rendas não ultrapassam um salário mínimo. Poderíamos afirmar, de uma forma ainda que superficial, que essas relações de exploração do trabalho está muito associado ao que Coelho Neto 2011 chama atenção com relação a presença de um coronelismo nessas cidades e nessas etapas da cadeia produtiva. Embora os dados supracitados sejam do ano de dois mil treze (2013), essa realidade se perpetua nos dias atuais, numa pesquisa de campo feito no ultimo ano(2016), ainda em andamento, foi constatado que a renda semanal de um trabalhador que está na etapa rural desta cadeia produtiva não extrapola os cento e cinquenta reais (150). Para, além disso, deve se levar em conta os altos níveis de periculosidade envolvendo as atividades sisaleiras.

Contudo, vale frisar nesse sentido a importância das associações e sindicatos de trabalhadores que auxiliam (ou pelo menos deveriam auxiliar) esses trabalhadores, cobrando de seus respectivos empregadores melhores condições de trabalho e de renda.

Considerações finais

Sisal, planta oriunda de outro território, mas que adaptou-se muito bem as características e especificidades do “nosso sertão”. Por muito tempo, por algumas pessoas, foi chamado de “ouro verde”, planta essa que ajudou a muitas famílias a saírem da linha da miséria nos municípios que hoje se compreende como Território de Identidade do Sisal, impediu que muitos jovens migrassem para outros estados. Aparentemente, uma base econômica que ajudou muito ao sertanejo. Entretanto, quando olhamos para sua cadeia produtiva, desde o plantio das mudas lá no campo até a fabricação de cordas, tapetes, carpetes, e dentre outros produtos, podemos concluir que o pequeno agricultor ou os trabalhadores da bateadeira são aqueles que recebem a menor “fatia” quando se trata do lucro obtido a partir da exploração da *agave sisalana*. Esses trabalhadores que desenvolvem as inúmeras etapas da cadeia produtiva são responsáveis por aumentar ainda mais a hegemonia das elites políticas locais, mas, são estes mesmos trabalhadores, os mais prejudicados no que diz respeito ao fator trabalho e financeiro em toda essa cadeia.

Referências:

ANDRADE, Robson;ORNELAS, Jackson; BRANDÃO,Weliton. **Situação atual do sisal na Bahia e suas novas possibilidades de utilização e aproveitamento.**

COELHO NETO, Agripino Souza.**A trama das redes socioterritoriais no espaço sisaleiro da Bahia** /. – Niterói: [s.n.], 2013. 426 f.

LIMA, Camila Silva. **A Atividade Produtiva do Sisal no Município de Valente-Ba: Uma Possibilidade para Promoção do Desenvolvimento Local?.** Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia, Departamento de Educação - Campus XI, Universidade do Estado da Bahia. 2013, p.90.

SANTOS,Ednusia Moreira Carneiro, COELHO NETO, Agripino Souza, SILVA, Onildo Araújo. **GENTE AJUDANDO GENTE: O TECIDO ASSOCIATIVISTA DO SISAL.**/. – Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

SANTOS,Tânea da Cunha.**A Atividade Sisaleira e a sua Interferência Sobre o Bioma da Caatinga no Município de Valente - BA.**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia, Departamento de Educação - Campus XI, Universidade do Estado da Bahia. 2010, p. 90.